08/11/2019 14:00

Seminário aborda o trabalho de assistentes sociais em territórios atingidos pela mineração

"Por que o mundo premia quem saqueia?". Esta foi uma questão central da palestra da professora Raquel Mota Mascarenhas, da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), sobre *Questão Social, Mineração e Resistência em Minas Gerais,* durante o Seminário Regional *O Trabalho da e do Assistente Social em Territórios atingidos por Mineração/Barragens,* na manhã desta sexta-feira, 8 de novembro, no Teatro João Paulo II, *Campus* Coração Eucarístico. Ela sustentou que o modelo de mineração, que envolve questão social e questão ambiental, afeta todos, deixando mortos, sem casa e sem renda. Ressaltou que o lucro em 2018 da mineradora Vale foi 40% superior ao do ano anterior; apenas 48% das solicitações da população foram atendidas; ação penal ainda tramita na justiça Federal; e nenhum dos envolvidos está preso. "Os atingidos somos todos nós e a quem direcionamos nosso serviço", disse, dirigindo-se aos assistentes sociais presentes.

De acordo com ela, os integrantes da classe trabalhadora sofrem no cotidiano as ameaças e rupturas do modelo de mineração. Um dos desafios, de acordo com ela, é enfrentar o conservadorismo na atuação profissional dos próprios assistentes sociais que, segundo a professora Raquel, têm a função de mobilização e transformação da própria classe trabalhadora. "O que é estar, viver e trabalhar nesse território atingido por mineração"?, questionou; "O que particularizam as ações sociais nesses territórios?". O modelo de mineração que aumenta o trabalho vem pintado de lama; quando falta moradia, trabalho, a lama está lá, o sangue está lá, pontuou. "Uma das formas de a população morrer lentamente, falta sentido de viver. A lama está em tudo, ela permanece na dor". A professora Raquel Mascarenhas chamou a atenção para a necessidade dos trabalhadores se reconhecerem como atingidos pela mineração.

Para a professora, o atual modelo de mineração acirra a luta de classes no território, modelo que vem desde o cobrimento da América, na qual os indígenas foram exterminados e outros destinados ao trabalho na mineração e a população negra, retirada da África, detinha o conhecimento para a construção de minas subterrâneas. Projeto de colonização do Brasil onde se desenvolveu processo de embranquecimento, no qual o dono da terra é quem mais a faz produzir, modelo que nega o ritmo da natureza.

Raquel Mascarenhas ressaltou o financiamento de políticos pelas mineradoras, cooptação dos poderes que se dá pela insuficiência na legislação; ineficácia das leis existentes; ingerência no uso dos recursos dos royalties; corrupção; e aplicação imprópria de tributo como a Cfem. Ela observou que o recursos advindos da atividade minerária não são aplicados na diversificação da economia, mantendo-se, assim, o ciclo de dependência para com esta atividade. "A ruptura ou a ameaça de ruptura das barragens nos dá a chance de enxergar o tamanho do monstro que é o modelo de mineração", disse. "Mineração para quê? Para a morte. Mineração para quem? Para os capitalistas internacionais", questionou e respondeu ela própria, enfatizando que foi crime, não uma tragédia o que aconteceu em Mariana e Brumadinho. Ela enumerou algumas outras consequências desses crimes: 1,5 milhão de desempregados em Minas Gerais; 30% de desempregados no município de Mariana; reassentamento forçado, perda de liberdade de como e onde as pessoas vão viver, havendo a perda do sentido da vida, disse.

Com apoio do Curso de Serviço Social da PUC Minas, o evento é promovido pelo Conselho profissional da área (Cress-MG). A abertura contou com a participação da chefe do Departamento e coordenadora do Curso, Maria da Consolação Gomes de Castro, e da presidente do Cress-MG, Júlia Maria Muniz Restori. A mesa também

teve a presença do deputado estadual, assistente social e sociólogo André Quintão (PT).

A professora Raquel Mota Mascarenhas lembrou que no dia 5 de novembro o maior crime ambiental do mundo completou cinco anos (com 19 mortes e um bebê morto antes de nascer), e o de Brumadinho, o maior crime em mortes e vidas humanas está próximo de completar um ano, em janeiro (com 244 mortos e 27 desaparecidos). A plateia fez um minuto de silêncio.

A professora Maria da Consolação disse, dirigindo-se ao público de assistentes sociais que lotou o Teatro, que a PUC Minas é uma casa de todos os profissionais, de todos os trabalhadores que lutam pelos direitos dos usuários, e que o Seminário sempre debate temas muito importantes, como nesta edição. Ela lembrou que o Curso de Serviço Social participa do projeto de extensão PUC Minas em Brumadinho, "crime humano e ambiental", como nomeou o rompimento da barragem de rejeitos de mineração da Vale, em Brumadinho, que provocou centenas de mortos. De acordo com a professora Maria da Consolação, o projeto de formação do Curso de Serviço Social tem que ir sendo atualizado para com os novos desafios, absorvendo as temáticas.

Julia Restori disse que a PUC Minas é um espaço de formação profissional muito importante. De acordo com ela, a mineração tem que ter compromisso com a vida, com os atingidos, tendo que trabalhar de forma mais inclusiva.

Assessoria de Imprensa PUC Minas